

METÁFORA: UMA ANÁLISE DO VERBO *PROVAR* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Mizilene Kelly de Souza Bezerra (UFRN)
kelly.souza.b@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo observar, a partir da noção de metáfora, os usos instanciados pelo verbo *provar* no português brasileiro. A fim de cumpri-lo, utilizo como aporte teórico a Linguística Cognitiva (DUQUE; COSTA, 2018; FERRARI, 2020), em especial, a noção de metáfora. A metodologia dar-se por meio da leitura e reflexão do referencial mencionado; varredura do *Corpus* na modalidade escrita (*blogs*, revistas formais e revistas informais), cujas amostras representam o ano de 2014 (Disponível em: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>. Acesso em: 16 fev. 2023), para a extração das ocorrências com o verbo *provar*; e, por último, procedo com as análises.

Palavras-chave:

Linguística Cognitiva. Português brasileiro. Verbo *provar*.

ABSTRACT

This work aims to observe, from the notion of metaphor, the uses instantiated by the verb *provar* in Brazilian Portuguese. In order to fulfill it, I use Cognitive Linguistics as a theoretical contribution (DUQUE; COSTA, 2018; FERRARI, 2020), in particular, the notion of metaphor. The methodology takes place through the reading and reflection of the mentioned reference; scan of the *Corpus* in written form (*blogs*, formal and informal magazines), whose samples represent the year 2014 (Available at: <https://www.ufjf.br/nupact/corpora/corpora-compilados/>. Accessed at: 16 Feb. 2023), for the extraction of occurrences with the verb *provar*; and, finally, I proceed with the analyses.

Keywords:

Brazilian Portuguese. Cognitive Linguistics. Verb *provar*.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo observar, a partir da noção de metáfora, os usos instanciados pelo verbo *provar* no português brasileiro. Para isso, a metodologia dar-se: (a) por meio da leitura/fichamento de referenciais teóricos que abordem a Linguística Cognitiva, em especial, a noção de metáfora; (b) varredura do *Corpus* na modalidade escrita (*blogs*, revistas formais e revistas informais), cujas amostras representam o ano de 2014, para a extração das ocorrências com o verbo *provar*; e, por último,

(c) análises dessas ocorrências.

Estudar o verbo *provar* surgiu a partir da coleta de dados realizada para a tese de doutorado. Revistando o *corpus* citado, percebi os usos do verbo em questão e que isso poderia ser analisado a partir da noção de metáfora.

O trabalho está organizado em cinco seções. Finalizada esta seção 1, na seção 2, discorro um pouco sobre a Linguística Cognitiva, teoria que fundamenta este trabalho. Logo após, na seção 3, discorro a respeito da metáfora e, por conseguinte, na seção 4, apresento a análise das ocorrências com base nas discussões teóricas anteriormente empreendidas. As considerações finais, na seção 5, encerram este texto.

2. Linguística cognitiva

A comparação entre máquina e mente tornou-se bem comum em meados do século XX. Isso porque psicólogos e neurocientistas consideraram que as atividades do computador, em alguns aspectos, eram semelhantes aos processos cognitivos (Cf. NEISSER, 1976), daí afirmar que o cérebro era um computador. Um encontro ocorrido em 1956, em Dartmouth, nos Estados Unidos, foi considerado o momento oficial da revolução cognitiva, pois reuniu vários especialistas em Ciências da computação com o intuito de entender os processos mentais com base em um modelo computacional. Entre eles, estava Noam Chomsky, que propõe uma teoria interessada em descobrir uma realidade mental subjacente ao uso da língua. Nesse caso, em tese, a linguagem humana seria uma faculdade mental; e a Linguística uma ciência da mente/cérebro, muito mais próxima das Neurociências, da Biologia, da Física, por exemplo, do que da gramática ou da Sociologia.

“A escolha do termo *Linguística Cognitiva* para nomear um novo paradigma teórico no âmbito da Linguística poderia parecer, a princípio, inadequada” (FERRARI, 2020, p. 13), se considerarmos que a proposta de Chomsky revolucionou os estudos linguísticos por promover uma guinada cognitivista. Desse modo, se tal denominação tivesse recaído no modelo do linguista, não causaria estranhamento. Outro aspecto a se considerar diz respeito ao fato de que a expressão já circulava desde os anos 1960 no campo linguístico, assim, ao ser escolhida, nos anos 1980, para designar a área de estudo, já não se mostrava tão inédita assim. De todo modo, o termo vingou, estabeleceu-se e foi reconhecido na comunidade acadêmica.

Foi adotado, inicialmente, por estudiosos como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier que, embora concordassem com o matiz cognitivista do modelo chomskyano, resolveram buscar um viés teórico que contemplasse as relações entre sintaxe e semântica, assim como as relações entre forma e significado.

A segunda etapa da revolução cognitiva, de acordo com Croft e Cruse (2004), dar-se a partir de três pressupostos básicos importantes: i) não há separação entre as faculdades cognitivas, ou seja, a linguagem não é um módulo inato e separado de outras capacidades cognitivas do ser humano, e Ferrari explica (2020, p. 14): “o rompimento com a perspectiva gerativista não significa um rompimento com o compromisso cognitivista de um modo geral. É, portanto, a um tipo particular de cognição – a cognição não modular – que o termo se refere”; ii) a estrutura da gramática de uma língua reflete diferentes processos de conceptualização, e é essa perspectiva simbólica da gramática que possibilitou o desenvolvimento da Gramática Cognitiva e das Gramáticas de Construções; e iii) o conhecimento linguístico emerge e se estrutura a partir do uso da linguagem.

Cabe destacar, ainda, que não devemos associar a Linguística Cognitiva (LC) à ideia de uma abordagem teórica homogênea, pois ela

[...] é descrita como um 'movimento' ou uma 'empreitada' porque não é uma teoria específica. Em vez disso, é uma abordagem que adotou um conjunto de princípios orientadores, pressupostos e perspectivas que conduziram a uma gama diversificada de teorias complementares, sobrepostas (e por vezes concorrentes)⁴³. (EVANS; GREEN, 2006, p. 3) (tradução minha)

Nas palavras de Ferrari (2001, p. 26), a LC “assume o compromisso de compatibilizar suas hipóteses com os resultados de pesquisas sobre a mente e o cérebro realizadas por outras disciplinas, principalmente na área das Ciências Cognitivas”.

Dito isso, passo a explorar as considerações a respeito de metáfora.

3. *Metáfora*

Inaugurada em 1980 no livro *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, a metáfora passa a ser ligada ao pensamento e não somente à

⁴³ Cognitive linguistics is described as a ‘movement’ or an ‘enterprise’ because it is not a specific theory. Instead, it is an approach that has adopted a common set of guiding principles, assumptions and perspectives which have led to a diverse range of complementary, overlapping (and sometimes competing) theories.

linguagem. Além disso, ganha, nos anos subsequentes, aprimoramento por parte de diversos autores, deixando “de ser uma figura de linguagem para ser um processo estruturador do pensamento” (BERBER SARDINHA, 2007, p. 169). Conforme Duque e Costa (2018),

[...] a metáfora é – ao contrário do que prega a tradição, que a vê como simples ornamento estilístico – um recurso de pensamento (e, portanto, um aparato cognitivo) que nos permite estruturar conceitos a partir de outros, mais básicos e concretos, sendo nossa experiência direta do mundo – proporcionada por nosso corpo – a responsável pelo desenvolvimento desse processo. (DUQUE; COSTA, 2018, p. 24)

Assim, faz-se importante esclarecer que Lakoff e Johnson consideram a mente corporificada e dependente da realidade experiencial, o que, obviamente, se contrapõe à proposta de mente autônoma, adotada por abordagens cognitivas clássicas.

De acordo com Presotto (2016),

[...] para a Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora é compreendida através do mapeamento entre conceitos abstratos em relação a conceitos mais concretos, ocorrendo a partir de dois domínios: o domínio-fonte e o domínio-alvo. O domínio fonte se caracteriza por ser mais concreto e experiencial, já o domínio-alvo é de natureza abstrata. (PRESOTTO, 2016, p. 384)

Nesse sentido, a metáfora conceptual é uma maneira de conceptualizar um domínio de experiência a partir de um domínio mais concreto, e o mapeamento é a relação entre esses dois domínios, com direção do domínio-fonte para o domínio-alvo. Segundo Hopper e Traugott (2003), a ampliação de sentido não se dá de modo aleatório, sendo, portanto, motivada por analogia e afinidade, com isso um domínio conceptual é associado a outro porque existe entre eles alguma correspondência.

Votre (1996, p. 32), por sua vez, destaca: “a linguagem usual é essencialmente metafórica, já que quase nunca se criam novas formas, mas novos significados estão sendo continuamente criados para as formas já disponíveis na língua”. Na esteira dessa discussão, Lakoff e Johnson (1980) consideram a sistematicidade contida no sentido metafórico um reflexo das experiências culturais pelas quais se representa a realidade. Logo, quando uma comunidade específica de indivíduos utiliza uma metáfora em dada língua, temos uma manifestação da competência e representação de uma realidade tomada de valores culturais. Por isso, Berber Sardinha (2007) ressalta que as metáforas conceptuais são relativas a uma dada cultura e resultantes de mapeamentos relevantes para certas civilizações ou ideologias.

4. Os usos metafóricos de provar

Considerando o que foi discutido previamente, observei os diferentes usos do verbo *provar* no português brasileiro. Para isso, fiz uma varredura do *Corpus* sincrônico com novecentas mil palavras, na modalidade escrita (*blogs*; revistas informais, como “Ana Maria” e “Marie Claire”; e de revistas formais, como “Exame” e “Veja”), a partir de textos disponíveis na *internet*, cujas amostras representam o ano de 2014.

O Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, em formato digital (2023), aponta 8 acepções diferentes para o verbo *provar*, entre os quais 6 foram constatadas na pesquisa realizada. Além disso, foi possível perceber algumas dessas acepções mais voltadas para o domínio cognitivo-conceitual concreto, enquanto outras de significação mais abstrata. A título de ilustração, apresento o quadro 1.

Quadro 1: Domínio cognitivo-conceitual concreto e domínio cognitivo-conceitual abstrato do verbo *provar*.

Domínio cognitivo-conceitual concreto
Verificar a qualidade, o estado ou a utilidade de algo; Beber ou comer uma pequena quantidade para atestar seu estado ou qualidade; experimentar; Vestir ou calçar algo para verificar se assenta bem ou fica bom; experimentar.
↓
Domínio cognitivo-conceitual abstrato
Demonstrar a veracidade ou a autenticidade de algo através de provas documentais, fatos, testemunhos etc.; demonstrar; Dar prova ou demonstração de algo; demonstrar; evidenciar, revelar; Tornar algo evidente (qualidade ou característica pessoal), a fim de convencer alguém; mostrar, revelar.

Fonte: Elaborado pela autora com base no Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, em formato digital (2023).

Ao todo, foram identificadas 59 ocorrências com o verbo *provar* distribuídas entre os dois domínios. Vejamos os exemplos a seguir.

(1) Sou do time dos aromas frescos, suaves e cítricos, então me dei benção com esse perfume. Na saída ele é bem fresco, mas com um toque de flor. Depois de um tempo na pele fica menos cítrico, mas ainda sim, suave e gostoso. Se gosta de aromas assim e se tiver a oportunidade, passe numa loja L'Occitane para **provar** ele na pele. Depois me conta o que achou! (*Blogs*)

(2) Não foi sem surpresa, portanto, que Paulo Almeida, dono do empório, começou, de três anos para cá, a receber a visita de executivos da maior cervejaria do país. Eram gerentes e diretores enviados para observar o ambiente, bater papo com os clientes e, pasme!, **provar** as cervejas — uma transgressão para uma empresa que já demitiu um funcionário por tomar Coca-Cola no churrasco de fim de ano. (Revistas formais)

(3) Imaginem que Dia dos Namorados excitante: você posa fazendo a unha, posa **provando** o look, posa com o namo no carro, posa com o namo no restaurante e, no final, escolhe um bom ângulo para sair bem na foto do motel. (Revistas informais)

Nesses excertos é possível observar o uso do verbo *provar* pertencendo ao primeiro domínio cognitivo-conceitual, no caso, o concreto. O emprego de *provar* em (1) denota verificar a qualidade, o estado ou a utilidade de algo. Nessa situação, é algum perfume da marca L'Occitane que deve ter a qualidade verificada. Em (2), o sentido do verbo *provar* é de beber ou comer uma pequena quantidade para atestar seu estado ou qualidade; experimentar, nesse caso, a cerveja. Por último, (3) apresenta *provar* com a acepção de vestir ou calçar algo para verificar se assenta bem ou fica bom; experimentar, sendo, então, o look que será vestido no dia dos namorados.

Agora, analisemos o que revelam os dados de (4) a (6), os quais pertencem ao domínio cognitivo-conceitual abstrato.

(4) Lena Dunham. “O feminismo não completou seu trabalho. Não existe uma sociedade equilibrada.” O nome de Lena está na boca de várias pessoas nas últimas semanas, principalmente por causa do lançamento do seu livro “Não Sou Uma Dessas”. Ela é uma das porta-vozes mais ativas contra o machismo e **prova** isso quebrando vários tabus no seriado “Girls”. (Blogs)

(5) Em meio a todos os questionamentos sobre se o Brasil vai conseguir se recuperar da perda de sua maior estrela, o capitão Thiago Silva, fora da partida contra a Alemanha por conta do segundo cartão amarelo, fez questão de afirmar que “a Seleção não é só Neymar”. Ele e os outros 22 jogadores têm 90 minutos na próxima terça-feira, no Mineirão, para **provar** isso. (Revistas formais)

(6) Daniel já **provou** algumas vezes que realmente se importa com as questões de igualdade entre sexos. Em uma entrevista, defendeu Emma Watson dizendo que a sociedade não teve problemas para sexualizar muito

cedo a sua imagem quando ainda fazia Harry Potter. Mais dez pontos para Grifinória! (*Blogs*)

Em (4), temos o sentido de demonstrar a veracidade ou a autenticidade de algo através de provas documentais, fatos, testemunhos etc., pois, segundo o *blog*, Lena Dunham é uma porta-voz contra o machismo e prova isso quebrando tabus em “Girls”, série da qual foi criadora e protagonista. Na ocorrência (5), o verbo *provar* tem a acepção de dar prova ou demonstração de algo; demonstrar; evidenciar, revelar, afinal, os jogadores deveriam provar que a seleção brasileira não se resume apenas ao Neymar, e para isso têm um jogo no Mineirão. *Provar*, em (6), tem o sentido de tornar algo evidente (qualidade ou característica pessoal), a fim de convencer alguém; mostrar, revelar. No caso, Daniel consegue provar ser alguém que se importa com a igualdade entre os sexos, afinal, em uma entrevista, defendeu Emma Watson da sociedade que a sexualizou cedo demais.

Com base nisso, elaborei o quadro 2 para melhor ilustrar e/ou sintetizar a frequência das ocorrências encontradas.

Quadro 2: Frequência do verbo *provar* no português brasileiro.

Domínio cognitivo-conceitual concreto			
Acepção	Blogs	Revistas formais	Revistas informais
I	2	-	-
II	10	3	10
III	8	-	2
Domínio cognitivo-conceitual abstrato			
IV	6	9	1
V	2	2	3
VI	1	-	-
Total	29	14	16

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

É possível, a partir do quadro 2, observar que os *blogs* contemplam ocorrências com todas as acepções e apresentam, também, o maior número, 29. Enquanto isso, as revistas formais e informais não apresentam ocorrências na primeira acepção do domínio cognitivo-conceitual concreto e nem no último domínio cognitivo-conceitual abstrato, e as revistas formais não apresentam o uso do verbo *provar* denotando vestir ou calçar algo para verificar se assenta bem ou fica bom. Em termos quantitativos, 14 ocorrências foram encontradas nas revistas formais e 16 nas revistas informais, o que leva a concluir que os suportes que veiculam os textos menos formais detêm um número maior de ocorrência em detrimento do mais formal que apresenta menos ocorrências.

5. Considerações finais

Conclui-se, então, que o processo de metáfora pode ser exemplificado com o verbo *provar* (do latim *probare*), pois vai de um significado pertencente a domínios mais concretos para outros abstratos.

O verbo *provar* se relaciona ao significado de i) verificar a qualidade, o estado ou a utilidade de algo; ii) beber ou comer uma pequena quantidade para atestar seu estado ou qualidade; experimentar; iii) vestir ou calçar algo para verificar se assenta bem ou fica bom; experimentar. Mas, também, funciona como um verbo que pode iv) demonstrar a veracidade ou a autenticidade de algo através de provas documentais, fatos, testemunhos etc.; demonstrar; v) dar prova ou demonstração de algo; demonstrar; evidenciar, revelar; e, vi) tornar algo evidente (qualidade ou característica pessoal), a fim de convencer alguém; mostrar, revelar.

Com isso, observei que o verbo *provar* vem sendo utilizado em diferentes situações de comunicação e com diversas funções no discurso. Além disso, os suportes que veiculam os textos menos formais, no caso os *blogs* e as revistas informais, detêm o maior número de ocorrências, enquanto as revistas formais apresentam menos ocorrências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERBER SARDINHA, Tony. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.
- CROFT, Willian; CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- DUQUE, Paulo Henrique; COSTA, Marcos Antonio. Cognitivismo, corporalidade e construções. In: SOUSA, Ada Lima Ferreira de (Org.). *Cognição e práticas discursivas*. Natal: EDUFRN, 2018. p. 18-41
- EVANS, Vyvyan.; GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2020.
- HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

NEISSER, Ulric. *Cognition and reality: principles and implications of cognitive psychology*. New York: W. H. Freeman and Company, 1976.

PRESOTTO, Leticia. A metáfora: discussão e análise à luz da linguística cognitiva e da pragmática. In: Colóquio de linguística, literatura e escrita criativa, 9., 2016, Porto Alegre. *Anais do IX Colóquio de linguística, literatura e escrita criativa*. Porto Alegre, 2016. p. 383-395. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/coloquio-de-linguistica-literatura-e-escrita-criativa/2016/assets/36.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2023.

VOTRE, Sebastião Josué. Um paradigma para a linguística funcional. In: MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, S.J.; CESÁRIO, M.M. (Orgs.). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Outra fonte:

MICHAELIS DICIONÁRIO BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/provar/>. Acesso em: 16 fev. 2023.